

A Fraternidade

ORGÃO DOS CAIXEIROS E DO COMMERCIO EM GERAL

Quinzenario independente

DIRECTOR,
JOAO DE SOUSA *

SECRETARIO DA REDACÇÃO,
FRANCISCO GUIMARAES *

ADMINISTRADOR,
JOSÉ CARVALHO

Assignaturas (Pagamento adiantado)
Portugal, um anno 600 rs.—Semestre 300 rs.
Brasil (moeda forte) 1200 »

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA BARJONA DE FREITAS, 38-2.º

Officina de impressão: Typ. «Minerva»—Famalicao

Annuncios (Preços convencionaes)

Não se publicam escriptos que tentem fazer qualquer individualidade

EDITOR, FERNANDO MONTEIRO

Horas de trabalho

Recentemente fundou se em Barcellos uma associação de classe operaria—das Quatro Artes de Construção Civil.

E' o conselho de Charl Max que fructifica, é a necessidade de «cerrar fileiras» reconhecida pelos trabalhadores provincianos que se arrega cada vez mais no pensar dos salarizados.

Cada uma associação de classe é um grande impulsor da vontade dos humildes, que reclamam a sua liberdade como o mendigo que supplica o sustento.

E n'estes tempos em que o capital continua a ter supremacia sobre a liberdade e sobre a independencia do operariado, a Associação é necessaria para servir de ponto de apoio ás reclamações justas d'essa enormissima massa de opprimidos, que continuam a ser explorados pelo «querer» dos abastados proprietarios, que pretendem usurpar direitos e sacrificar o operario ao ultimo extremo da miseria.

Mas não ha-de vencer a vontade exaggerada dos capitalistas. Quem ha-de vencer é o trabalhador, porque para isso temos a Humanidade e temos o Direito que não deixarão por muito tempo o campo livre ao Dinheiro!

As Associações e as Federações dos operarios, garantem um futuro livre aos trabalhadores, decretando leis e fazendo valer os direitos do homem.

Assim, a Associação de Classe das Quatro Artes de Construção Civil, de Barcellos, já fez valer um direito, já alcançou uma grande victoria, estabelecendo um horario fixo para o trabalho dos operarios. Isto demonstra a sua força, affirma os direitos dos operarios e garante a estes a proficuidade dos esforços que a sua nova Associação ha-de empregar para a emancipação dos seus socios.

A victoria ultimamente alcançada, é ainda um principio da caminhada.

A letra dos estatutos da Associação Operaria, não tem metralhadoras, mas tem estabelecidos principios humanos e programmas sociaes, que

hão-de ser cumpridos vagarosamente.

Uma jornada grande não se faz n'um dia: — são precisos muitos, para não cansar.

Camiuhando-se de vagar, vae-se até muito longe.

E é mesmo de vagar, a par e passo, que a Associação das Quatro Artes Civas de Barcellos ha-de sair triumphante, empunhando palmas de victoria, quando fizer as conquistas que os principios de democraticos aconselham e tornam necessarias.

Para isso devem unir se os operarios de Barcellos, tornando forte e respeitada a sua Associação—tornando resistente a todos os assaltos esse bastião que se fundou para lutar pelos direitos dos que trabalham.

E' este o nosso voto e o desejo confessado por nós, que tambem temos direitos a fazer valer o que tambem precisamos de vermos—entre operarios e caixeiros—uma respeitavel concentração de forças e de vontades, para completa victoria das reivindicações das duas numerosas classes.

Para este fim, não será fóra de proposito lembrar que se deveria procurar a aproximação das duas classes, para combinadamente, se imporem na reclamação das suas regalias.

Achamos muita conveniencia, visto que operarios e caixeiros tem aspirações identicas—horario de trabalho e descanso semanal legalmente estabelecidos.

Com a nossa fé na proficuidade dos esforços que a Associação de Classe das Quatro Classes Civas de Barcellos ha-de empregar para melhorar a situação dos seus socios, endereçamos a esta prospera e florescente associação operaria as nossas felicitações pela victoria alcançada, que foi o ter estabelecido, de accôrdo com a maioria dos mestres d'obras, o horario do trabalho que teve começo no dia 1 d'este mez, dia em que o proletariado de todo o mundo celebra a grande caminhada do primeiro de maio.

A alegria é pouco duradoira. D'um momento para o outro desaparece para dar lugar a saudade que a recorda e á dôr que a substitue. Salero.

ALBERTO NAZARETH

Podem os seus maisinadores dizerem tudo quanto lhes lembre d'este que por muito tempo foi o chefe do movimento caixeiral do nosso paiz,—podem até chamar-lhe nomes feios e tentarem desmerecer o que elle foi—porque acima de tudo que se diga está o caracter do antigo combatente e admiravel apostolo da causa do caixeirato, e a apreciação imparcial e desinteressada d'aquelles que — não sendo caixeiros—dizem de Nazareth realidades, fazendo-lhe a inteira e merecida justiça.

E ahí vae, para comprovação do que dizemos e affirmamos, uma transcrição que fazemos do jornal portuense «O Norte», de 3 do corrente:

O descanso dominical — Homenagem a um trabalhador

A «Luz do Commercio» que n'esta cidade se publica e é orgão da classe prestimosa dos empregados do commercio, prestava a um dos mais indefesos trabalhadores pelo descanso dominical, esta homenagem singular, mas justa:

«Quando em 1896 se operou o encerramento aos domingos d'algumas classes do commercio, movimento iniciado pela briosa Associação de Classe dos Caixeiros Portuguezes, surgiu para a lucta o novo soldado e logo os menos entusiastas e os menos crentes viram n'elle o futuro chefe do movimento da classe. E' que Alberto Nazareth possuia já a scentelha do genio e tinha a circundal-o a sua energia inquebrantavel!

Publicava-se n'essa época um jornal da classe e Nazareth convidado a collaborar n'um numero festivo, produziu um artigo admiravel intitulado «A Galera Redemptora», onde se affirmou exuberantemente um escriptor de raça, tal a forma esthetica que tinha dado á sua brilhante produção litteraria.

D'ahi por diante estava feita a reputação de Nazareth como escriptor e a prova é que passados alguns dias era convidado para secretario da redacção do jornal «O Caixeiro Portuguez», cujo primeiro numero veio á luz da publicidade no primeiro domingo de julho de 1896. Accente este espinhoso cargo, Alberto Nazareth foi durante alguns annos a alma e a vida de esse jornal, a quem elle queria como á sua propria existencia, porque defendia no campo da

imprensa os interesses tão abandonados da sua classe. Alli confirmou Nazareth os vaticinios que lhe tinhamos prognosticado.

Em todas as paginas d'«O Caixeiro Portuguez», deixou Alberto Nazareth vinculado o seu nome glorioso como polemist, como educador, como poeta e como litterato de grandes recursos. Os seus artigos de combate eram como espadas vingadoras a derrubar os velhos preconceitos d'uma Sociedade falha de senso, egoista e deshumana.

Como orador, Alberto Nazareth affirmou-se sempre um argumentador temivel e os seus discursos são verdadeiras peças de rhetorica, seja qual fór o assumpto, submettido á sua apreciação e ao seu criterio.

Alberto Nazareth, sempre que lhe é permitido usar da palavra, seja qual fór a circumstancia ou o meio, vê sempre diante de si um publico preso do seu verbo, applaudil-o vibrante de enthusiasmo!

Taes são os traços caracteristicos de Alberto Nazareth e de qualquer das fórmis que o possamos encarar, como batalhador, como orador e como escriptor, a sua individualidade impõe-se sempre ao nosso respeito e á nossa admiração.

Accrescentando que Alberto Nazareth é um honrado democrata, ter-se ha comprehendido porque nos associamos á homenagem prestada.

Melhoramentos de «A Fraternidade»

Conforme dissemos no ultimo numero, tencionamos fazer passar a grandes melhoramentos o nosso jornal, fazendo-o publicar semanalmente ou trimensalmente.

Esperamos, para este enorme sacrificio, que os nossos amigos nos prestem o maior auxilio possivel, visto que os nossos recursos monetarios são bastante exiguos e não podem com a enorme despeza que temos de fazer com aquelle melhoramento.

Brevemente dirigiremos a todos elles um appello, para que nos ajudem com tudo quanto possam. E será então que tere-mos occasião de conhecer da vontade de todos elles, em ve-rem prosperar o nosso periodico.

Braga, 10

Como me havei eu, hoje, de desempenhar-me da ardua tarefa de correspondente, quando é certo que n'esta terra onde a classe é já numerosa, nada se passa de anormal, que mereça registo e discussão? Que nem eu a tal me propunha, porque também as minhas faculdades e conhecimentos me não dariam acesso a tanto, e limitar-me-ia a noticiar consoante pudesse.

Instintivamente, eu, que sou um impulsivo, crente d'um ideal que defendo com todas as veras do meu coração, com todas as forças que pôde dispôr um organismo infiltrado pela doutrina d'um dogma, tão claramente definido e discutido pelos paladinos da classe, por esses martyres incansáveis perante o sacrificio, lutando com uma tenacidade irreductivel, para que as suas supplicas, os seus rogos, cheguem ao alto, áquelles que nos governam; o que poderei eu accrescentar, ou dizer, embora eivado por um entusiasmo suggestionante, e insuflado por uma esperança? Nada!...

Eu, que nunca soffri na minha ainda curta vida commercial, os duros desenganos que nos atrophiam e nos prostram no marasmo da descrença, quero levantar um grito de revolta encorajado e energico, para excitar e levar á lucta os que dormem ainda um somno socegado e tranquillo, n'esta terra onde os meus collegas se agrupam n'um entusiasmo de momento, para levarem a effeito e conseguirem de facto, o que amanhã deixam cair ao abandono.

Refiro-me ás associações de classe, tão bem organisadas a principio, por collegas activos e intelligentes, que se não poupam a trabalhos e sacrificios, e que afinal caem, porque a maior parte dos meus collegas desconhecem os beneficios que nos podem advir d'essas associações, d'esses agrupamentos, onde a classe unida como um baluarte, pôde fazer valer os seus direitos e reclamar justiça.

Claro que não sou um Espartano para encorajal-os, nem um guia a encaminhar-lhes os passos, não; seria até uma audacia o querer-me abalançar a tanto. Mas penso eu e lembro, o que já mais alguém defendeu e no que até empenhou os seus esforços,—que não somos tão numerosos que possamos ter e sustentar, á altura, duas associações.

Uma só bastava, mas que essa agrupasse todos os caixeiros de Braga, e assim unidos bons serviços prestariam mutuamente em beneficio da reivindicação da nossa lucta de todos os dias, de sempre.

Vell.

«La Asociación»

Recebemos a visita d'este excellente quinzenario hespanhol, órgão dos nossos camaradas da Galliza, que se publica em Vigo.

Tem excellente collaboração. Os nossos agradecimentos.

Cunha Lima

Pela retirada dos Arcos de Val de Vez, para Ponte do Lima, do nosso amigo e collega Magalhães Junior, ficou exercendo n'aquella villa o lugar de nosso representante e correspondente, e nosso tambem presado amigo sr. Joaquim Gomes da Cunha Lima.

Os seus escriptos são já conhecidos no nosso jornal sob o título «Impressões e aspectos», e pelos quaes o leitor pôde ter avaliado a intelligencia e mimo litterario do nosso novo correspondente.

Participa-nos este amigo que —além de procurar defender os direitos da classe a que pertence, e que é a dos aspirantes de pharmacia—elucidará a nossa classe do que digno de menção se passar nos Arcos.

Ao nosso amigo pedimos todo o apoio de que possa dispôr em favor do nosso jornal.

Famalicão, 8

Associação Artística de Beneficencia

E'me jubiloso o relatar n'estas columnas a fundação de mais uma Associação que, á muita força de vontade e sacrificios conseguiram os humildes operarios

Commemorou com uma sessão solemne esta novel e sympathica collectividade, o 1.º de Maio, a que presidiu o Sr. Dr. Sebastião de Carvalho, secretariado pelo srs. Francisco Mesquita Guimarães, e Epiphânio d'Almeida.

Usaram da palavra os srs. Rodrigo Terroso, José Maria da Graça, Antonio Mesquita, Augusto Vasques, Silverio Vasques, Augusto da Silva Caldas, representante da «Liga das Artes Graphicas de Braga», e Antonio Maria da Conceição, presidente d'Associação em festa.

Encerrou a sessão o sr. Presidente que, mais uma vez, se affirmou um eloquente orador.

Nos intervallos, tocava um sextetto da tuna da Associação Artística de Beneficencia.

Achavam-se representados os seguintes jornaes:

«Commercio do Porto», «Primeiro de Janeiro», «Estrella do Minho», «Regenerador», «A Fraternidade», e a «Associação dos Empregados do Commercio», pelo zeloso Thesoureiro Antonio Carvalho.

A' direcção, bem como a todos os membros da nova collectividade, agradeço reconhecido o convite e atenções que me dispensaram; dirigindo lhes eu, ao mesmo tempo, sinceros parabens pelo grande passo que deram no campo social, e oxalá que todos pugnem pelos interesses da Associação para que o futuro lhes seja glorioso na conquista dos direitos dos opprimidos.

—Está verdadeiramente decidido para o dia 24 do corrente o espectáculo que o grupo *Gil Vicente*, de Guimarães, offerece aos empregados do commercio d'esta villa, em beneficio do cofre da nossa Associação.

A passagem da casa encontra-se completamente feita. Por isto, e pelo entusiasmo que reina entre toda a gente familiar, é de esperar uma casa á cunha e umanoite de verdadeira festa.

E oxalá que assim seja.

—Regressaram da cobrança os nossos amigos e collegas, Manoel Mattos e Augusto Trindade, zelosos representantes do Centro Industrial do Minho.

Trindade, apesar de ser a primeira viagem que faz, como cobrancista, não deixou de se tornar feliz, pelo que muito o felicitou.

Otsenre.

Armindo F. Fernandes

Prometteu collaborar no nosso jornal este intelligente camarada arcoense.

«A Fraternidade», assim honrada por tantos e tão conhecidos luctadores da nossa causa, e se todos elles lhe prestarem o auxilio de que possam dispôr, tornar-se-ha em breve um luctador acerrimo, capaz de não retroceder um passo unico nos seus intentos.

Lamego, 4.

Realisou-se no domingo de Paschoa a projectada excursão a Rezende, promovida por um grupo de collegas d'esta cidade.

Devido á escrupulosa escolha dos que haviam de fazer parte, não houve incidente algum desagradavel, antes pelo contrario correu tudo no meio do maior jubilo e harmonia.

De certo todos os excursionistas lhes ficou gravada na memoria, recordações gratas d'este agradavel passeio.

Um passeio pela margem esquerda do Douro em pleno dia de primavera, estrada cercada de jardins, por ambos os lados, ha pouco construída, parece exactamente as carreiras do jardim de S. Pedro d'Alcantara.

Pelo caminho o nosso amigo Allipio Pereira Dias, montado no seu Motto-cycle «Saroléa», fazer ouvir aos passeantes o seu variado repertorio em cantoria acompanhado do nosso collega Manoel Joaquim David Guerra, o que agradou á rapaziada.

Durante o trajecto, passavamos por muita gente que de longe nos conhecia e nos offereciam, uns de jantar, outros a sua casa para descansarmos, outros não sabiam o que nos haviam de fazer.

Quando chegamos a Rezende fomos cumprimentados por uma troupe de rapazes nossos conterraneos e amigos que nos esperavam e nos acompanharam a visitar os principaes pontos da Villa.

Foi-nos depois servido um lauto jantar no Hotel Maxima, que correu animadamente.

Depois de trocados os brindes o celebre «Zé da Bicha» fez um brilhante discurso, dando as boas vindas e vivas aos empregados do Commercio de Lamego.

Terminado o jantar, fomos visitar a Quinta do Engenho,

propriedade do abastado capitalista sr. Luiz da Silva, a onde nos foi offerecido o delicioso e magnifico champanhe, producção da mesma quinta. Mas que preciosidade!

Que excellente bebida!...

N'aquelle de certo não se esmerou o maldito martello.

Eram 5 horas. Despedimo-nos, principiou a jornada para Lamego. Chegamos á Penajoia, visitamos o nosso amigo Alfes, sr. Caetano Rebello de Carvalho, o que se dignou offerecer-nos a maravilhosa aguardente bagaceira por vinho fino —foi engano.

Bebeu-se pouca para não nos transformarmos os boches que podiam chegar a Lamego fritos sem sal, despedimo-nos e continuou a marcha.

O carro de José Maria éra guiado por dois cocheiros supra numerarios, por este vir em estado de grande contentamento. Eram o collega Guerra e o actor dramatico Zé da Bicha. Devido á habilidade de dois cocheiros conseguimos chegar á nossa Parvonea dentro do carro.

Chegamos eram 8^{1/2} horas da noite, fomos para os nossos camarotes no theatro Lamecense e d'alli apreciamos os trabalhos da Companhia Dramatica do actor Caetano Pinto.

E, foi d'esta maneira que passamos o domingo de Paschoa de 1906.

Ao meu amigo e collega José Pinheiro Vieira—Manaus—agradeço e filicito pelas suas linhas publicadas na «Voz do Caixeiro» de 29 d'Abril, com referencia aos nossos trabalhos em prol do descanso dominical.

Que as suas chronicas, se repitam durante longos annos, são os nossos mais ardentes votos.

—Aristides Guedes—Encontra-se entre nós este nosso amigo e collega, empregado na casa do sr. Correia de Lucena. De ha muito que exerce o cargo de correspondente d'«A Luz do Commercio» na Regoa, soube sempre desempenhar com afin aquelle cargo defendendo com velleidade a nossa causa.

Que este nosso accerrimo propagandista permaneça por cá dilatados annos são os nossos desejos.

Aos meus amigos Luciano, Guerra e Aristides, pergunto de que gosto eram as castanhas recebidas pelo correio. Que tal?... eram boas?

Onalucre.

A. L. da Silva Junior

Fica sendo correspondente de «A Fraternidade» em Villa do Conde, o nosso collega sr. Antonio Lopes da Silva Junior, de quem muito temos a esperar.

Pensamentos

Com este titulo, iniciamos hoje a publicação de uma secção privativa de Salero, nosso novo collaborador.

Não precisa de apresentação nem de elogio o nosso amigo, porque os pensamentos que hoje se inserem n'aquella secção, são o bastante para se conhecer da sua intelligencia.

IMPRESSÕES E ASPECTOS

A nossa festa

Já se volatizou na penumbra o dia 23 d'abril, e com elle arastou, nas suas niveas azas, o nosso immenso enthusiasmo.

Já vae longe... muito longe... esse espaço do tempo no qual consumiu interminaveis alegrias joviaes.

Desejaria eu n'este momento ser possuidor d'um grande talento, ser senhor d'un intellecto sem limites para fazer uma descripção minuciosa e com todo o rigor do que n'esse dia tão solemne se passou entre os meus amigos:—elementos valiosos da classe dos caixeiros. Porém a fragilidade da minha intelligencia não me concede esses dons tão altruistas, nem me fornece uma fórma d'ideias sublimes e bellas com que pintar esse quadro atrahente e saudoso.

Pôr em destaques e bem em relevo todas as notas cordeas da verdadeira fraternisação e igualdade que se desencadearam nos humbraes dos nossos peitos, seria essencialmente chimerico.

Alevar em caracteres bem visiveis a sensação extraordinaria que rodeava as nossas almas visionarias, era todo o meu maior desejo, era toda a minha boa vontade. No entanto limite-me, unica e exclusivamente, a dar uns pequenos traços d'esses instantes repletos de contentamento e satisfação.

A distancia de poucos kilometros d'esta villa encontra-se sobre um pittoresco local, e d'onde se gosa um panorama soberbo e arrebatador, a capellinha da Senhora da Guia. Pois foi n'esse dia que alli se realizou, em regra aos annos anteriores, a sua tradicional festa.

Acabavam de soar nas torres dos campanarios as duas horas da tarde. O povo agglomerava-se nos carros que, constantemente, iam e vinham n'uma carreira incessante. E eu, por via de regra, associei-me a alguns amigos e conjunctamente com o *Zé-povinho*—porque nós tambem o somos n'estes casos—e depois de me consultarem sobre uma *constipação*—apezar de eu não ser medico—*Suivimes en grand fonction.*

Pela estrada encontravamos milhares e milhares deromeiros que se encaminhavam para o mesmo sitio. Como era lindo este trajecto! O que apenas destoava um pouco era a violenta ventania que, revolvendo-se na poeira, arremessava esta para os olhos dos transeuntes.

O carro ia rodando e já os nossos olhares distinguiam ao longe as bandeirinhas brancas, verdes e azues que voavam em cima da capellinha, ao sabor da aragem.

Chegavamos ao ponto. Que reinação alli existia! Por todos os lados se encontram magôtes de pessoas saboreando, junto á relva fresca e omnipotente, iguarias, que em seus farneis tinham trazido.

Em seguida despedi-me por um pouco d'esses amigos e encaminhei-me para casa de tantos outros como José Mendes de Brito e Manoel Ayres Ferreira, ambos distinctos empregados

do commercio, este nos Arcos e aquelle em Vianna do Castello. Chegado que foi receberam-me de braços abertos, pondo ao meu dispôr todos os acepipes e dispensando-me todas as atenções, o que do fundo do coração agradei e repito.

D'alli a poucos momentos chegavam em visita a estes amigos e collegas os srs: José Joaquim Crespo, José Luiz Moreira, João Joaquim Ferreira, José Pereira da Silva e Manoel José de Carvalho, com os quaes fomos todos flunar para a romaria; d'onde, como disse, se disfructa um espectáculo maravilhoso ao relancear a vista em qualquer direcção. E' que a natureza tem encantos sublimes e arrebatadores. Se contemplarmos essas arvores cobertas de verde folhagem, vestidas de ramarias que se destacam por entre matagaes e florestas; se observarmos como as flôres desabrocham e espalham o seu perfume pela atmosfera; se escutarmos os ruidos melodiosos dos regatos que alem se descortinam por entre os arbustos, tudo isso nos traz á mente um mundo de phantasias dedicadas! *Et comment tout cela est beau!*

Estavamos n'esta expectativa quando deparamos, casualmente, com os amigos Magalhães Junior, Eugenio Baptista da Silva, Antonio Costa Festa, Antonio Gomes, Manoel Alves Junior, Antonio José Rodrigues e José da Costa, os quaes adheriram ao nosso grupo que em seguida retirou para dar inicio ao *pic-nic*, offerecido por alguns rapazes aos seus collegas. Ahi, é indiscriptivel o enthusiasmo:—há vivas de satisfação; há risos de alegria!

Pôde dizer-se, em abono da verdade, que tudo correu na melhor ordem, não obstante a boa disposição d'alguns dos convivas.

Fizeram-se alguns discursos allusivos ao dia e á camaradagem, sendo concedida a palavra em primeiro logar á minha humilde pessoa, o que agradei. Seguiu-se o meu particular amigo Manoel Ayres Ferreira, que disse o seguinte:

Caros collegas:

«E' hoje um dia de festa. Portanto é para mim grande alegria e enthusiasmo ao proferir estas palavras, não só por ser o dia da padroeira do meu logar, mas tambem por me ver acompanhado por alguns dos meus mais sinceros amigos e collegas. Essa Virgem da Guia, que nos tem sob a sua capa divina e sob a sua vigilancia benedita, sempre nos tem conduzido e conduzirá por um caminho correcto e honroso, e nos elevará á conclusão dos nossos fins mais desejados.

Queria n'esta hora ser alvo d'um fecundo talento para, hoje, 23 d'abril, poder manifestar abertamente o quanto me sinto deveras satisfeito com a presença dos meus camaradas do trabalho. Porém, como tenho a meu lado um rapaz nobre e aliado a um grande saber, o meu leal amigo Joaquim Lima, limito-me a estas poucas frases despidas de grandes phantasias, mas no fundo sinceras.

Termino saudando com um cordeal abraço todos aquelles que me são dedicados, folgando ao mesmo tempo que estas demonstrações de sympathia se repitam interminavelmente...

Não esquecendo saudar tambem este dia, 23 d'abril, e dar um viva á nossa reunião e a todos os meus presados amigos e collegas.»

Ao terminar o seu discurso Ayres Ferreira foi muito victoriado e abraçado.

Seguiu-se o nosso amigo Magalhães Junior, que não chegou a fazer uso da palavra devido ao *bem estar geral e physico* d'alguns convivas.

Em seguida retiramos todos envolvidos nas mais delirantes ovações, dando vivas á classe dos caixeiros, ao descanso dominical, aos promotores do *pic-nic*, á «Fraternidade», ao seu correspondente, á «Luz do Commercio» e a todos os que se achavam presentes.

E assim findou o dia.

Repleto de alegria!

Arcos—24—4—906.

Joaquim Lima.

P. S.—A' ultima hora sou informado de que alguém (substantivo feminino) critico os nossos discursos, apesar de os não ouvir, mas com proposito de querer *aiguiser la langue*.

Lima.

Setubal, 8

No ultimo numero de «A Fraternidade», veio um artigo com a epigraphe «A Fraternidade semanal».

Como um dos seus mais ferrenhos propagandistas e amigo dedicado do director, ainda por occupar n'esta cidade, embora com mediocre competencia, o cargo de seu correspondente, applaudo com immenso prazer a ideia da «Fraternidade» passar a semanal, e incansavelmente me porto ao lado do seu grupo proprietario.

E' na verdade, espinhosa e arrojada a empresa a que os nossos illustres collegas de Barcellos, se propõem metter hombros; mas, como o amor pelas pugnas da classe é grande, e ainda a fé que os anima de que em epocha não muito distante terão o prazer de verem cobertos de gloria, os seus titanicos esforços em prol das reivindicções da classe que no honroso campo da imprensa representam, elles vão, embora com enorme sacrificio, publicar «A Fraternidade» semanalmente.

A' classe cumpre, pois, o sacratissimo dever, de assignar este brilhante e accerrimo defensor, dos seus direitos sociaes.

—Conforme ja aqui dissemos foi no preterito dia 29, o primeiro dia consagrado ao encerramento das lojas de barbeiro.

N'esta questão, como em todas que se tem ventilado com igual fim, tem sempre apparecido retrogradados ao encerramento, mas d'esta vez em grande escala, pois são em numero de 13 os que não fecham.

E' esta é quarta vez, que esta classe tenta tornar n'um facto o encerramento dos seus esta-

belecimentos, tendo sido ainda a ultima em 1900.

De um manifesto que a mesma classe fez sair no p. p. dia 29 recortamos o seguinte periodo:

«Dos estranhos á classe nada temos com isso. E fique accentuado que o elemento operario perdeu a cõr ao medo, principalmente em Setubal!

Quando debaixo da ordem pertende garantias que estavam defezas aos nossos avós pela sua falta de educação e comprehensão civica; educação e comprehensão que ainda não entrou na caixa dos miolos d'alguns dos nossos collegas.

E' lamentavel!

Portanto o dia 29 d'abril hade ficar registado nos annaes do movimento operario de Setubal, porque temos a experiencia e o apoio moral das classes associadas n'esta cidade, especialmente a illustre classe dos Empregados do Commercio, de quem partiu a iniciativa d'este movimento, movimento em que vimos acompanhando a mesma classe ha 24 annos».

—N'um comicio ha pouco realisado n'esta cidade, tivemos mais uma vez o prazer de ouvir a palavra fluente e entusiastica do nosso illustre confrade Sá Pereira, sendo bastante acclamado ao terminar um brilhante e vigoroso discurso.

Fallaram ainda os illustres vultos do partido republicano srs. Manoel O. Arriaga; José Estevão de Vasconcellos, Francisco Ramos da Cruz e Paulino d'Oliveira, dando todos os oradores recebido ovações entusiasticas, ao findarem os seus brilhantes discursos.

—Deve no proximo domingo reunir em assembleia geral a Associação dos Empregados do Commercio local.

A. V. E.

Aos caixeiros de Lisboa

Para bem da defeza dos nossos interesses achamos conveniente lembrar aos nossos collegas de Lisboa que devem interessar-se pela decretação do descanso dominical, pedindo ao sr. Hyntze Ribeiro, antes da abertura das cõrtes, que declare no discurso da corõa que são na proxima legislatura cumpridas as suas promessas feitas á nossa classe.

Mais lhe lembramos a constituição de uma grande comissão de propaganda, uma vez que as comissões da Federação e descanso dormem a sono soito ou estão desorganizadas.

Lembramos isto para bem dos interesses da classe em geral.

Magalhães Junior

E' actualmente nosso correspondente e representante em Ponte do Lima, o nosso amigo sr. João da Costa Magalhães Junior, que igual cargo exerceu nos Arcos.

Esperamos n'elle a maxima propaganda de «A Fraternidade», como o fez na terra de onde ha dias se retirou.

Só a instrucção é capaz de illuminar o espirito do homem.

CARTA DE LISBOA

Associação dos Caixeiros—A

comissão administrativa nas suas reuniões, tem tomado conhecimento do expediente. Tem-se occupado da casa para a nova séde.

Tem-se occupado com interesse e empenho da representação que deve ser entregue no parlamento, e que deve levar o governo a decretar a lei obrigatoria de um dia de descauso por semana.

Tem tratado de varios assumptos de ordem interna, e deligencia cumprir rigorosamente o mandato que lhe foi confiado.

Nos ultimos dias tem sido propostos varios socios.

Ferido—Um dos feridos no massacre da noite de 4, foi o nosso amigo Manoel Elias da Silva, thesoureiro da Associação de Classe dos Caixeiros de Lisboa.

Carnet—Regressou da Beira Baixa, onde tinha ido passar uns dias em companhia de sua familia, o nosso amigo Antunes Vaz.

--Regressou da sua viagem pela Extremadura e Beiras, o nosso amigo sr. Antonio Marques Carolino Junior, viajante da importante casa Callado & Moraes, Succesores.

Lisboa, 11-5-906.

João Riseco.

Guimarães, 11

O artigo 1.º dos estatutos da associação de classe diz:

Promover o desenvolvimeto moral e intellectual dos seus associados.

Pois durante o largo periodo de 7 annos, a associação deu aos seus associados, uma conferencia e duas prelecções.

Mas convem dizer para gloria (?) dos feudos srs. do mando que esse pouco, viera impulsionado por um nosso collega, que, porque sabia e tinha altivez de character, fôra por esses magnates, expulso, da associação que elle tanto amava, e a quem elle quizera formar um pouco de consciencia collectiva.

E' que, ainda infelizmente impera por toda a parte o servilismo, a hypocrisia, a vaidade, a imbecilidade, aquillo que o homem tem de mais repugnante para uma sociedade, e uma epoca em que a Fraternidade occupa o espirito universal.

Porem, dizem-me que no dia 20 será alli conferente o prestigioso republicano dr. Antão de Carvalho!

Tantas tem sido as conferencias... sen. conferentes, por elles annunciadas, que ao ouvir falar em coisas d'estas, eu fico me na expectativa dos acontecimentos.

Seja-me licito acreditar-os, e ouçamos o que se diz:

Que vae haver um banquete, aonde se estropiarão oitenta mil réis; que o patronato vae ser convidado; que...

amoralidade se dê o logar á estupidez, pois o superfluo foi sempre um erro, e mais ainda, porque n'esse caso a ostentação é superior ao desejo d'aprender.

Perdem assim a virtude d'um tão bom passol... e é pena, porque, conferencias feitas por cidadãos como o ex.º sr. dr. Antão de Carvalho, illustram, civilisam, formam intelligencia e character.

Correspondente.

Penafiel, 10

Evidentemente a classe dos empregados commerciaes de Lisboa é uma das mais unidas e das que, em mais larga escala, possui uma verdadeira identificação de aspirações e é sem duvida a estas bellas qualidades que ella hoje usufrue de facto o descanso dominical e um certo numero de regalias que são quasi completamente desconhecidas do caixeiro provinciano. Diversas causas influem para isso, mas a meu vêr uma das primordias é a melhor comprehensão dos direitos individuaes que alli o patrão moderno tem adquirido, fazendo orientar a sua maneira de proceder para com os inferiores de uma fórmula mais humana e conforme com estado actual da civilização.

Todavia, devemos reconhecer, que a classe dos empregados commerciaes da capital dispõe tambem de incomparaveis recursos,—relativamente á da pronuncia,—para a conquista do logar a que tem direito todo o homem que, conscio do cumprimento dos seus deveres, aspira a que lhe seja concedido o descanso necessario para restaurar as forças physicas e a poder illuminar o espirito com novos reconhecimentos que mais tarde lhe servirão de grande auxilio para a lucta pela vida.

Um d'esses recursos, por exemplo, é o ella ser numerosissima, o que lhe permite sem grandes sacrificios o poder sustentar associações de classe, onde a par da convivencia se estabelecem amizades duradouras e perfeita igualdade de ideias e desejos, que d'outra qualquer forma seria quasi impossivel adquirir-se. Não será possivel fundarem-se d'estas associações nos terras da provincia em que a classe commercial é relativamente numerosa? Eu creio piamente que sim, desde o momento em que todos os elementos se congreguem para esse fim, e se convençam de que na união está a força, e acabem com o facto deprimente dos grupelhos que se guerreiam e degladiam como se um pezar um kilo de bacalhau ou medir um metro de panno crú não estabelecesse a verdadeira igualdade!

—Passou no dia 5 do corrente o 17.º anniversario natalicio do meu querido amigo João Ferreira Alves, filho do dignissimo commerciante d'esta cidade, sr. Domingos Ferreira Alves. Idade em que

tudo são crenças e illusões e em que o nosso espirito encara todas as coisas pelo lado mais bello, fazemos, de envolta com o nosso parabem os mais sinceros votos para que nunca o mais leve desgosto ou contrariedade tolde o seu sorridente futuro.

—Por fim e para terminar faço votos para que a futura sessão das côrtes, produzam algo de util para a nossa desprotegida classe e para o bem geral do nosso não menos desprotegido paiz, e que com o novo contracto dos tabacos a sua regeneração financeira seja um facto e não uma utopia, como o é ha tantos annos.

Seola.

PENSAMENTOS

Secção privativa de Saléro

De que vives, ó criança?

—Da caridade.

—Quem é essa senhora?

—A mãe dos pobres e affligidos...

Caixeiros! A liberdade é a nossa causa.—Porque não havemos de defendê-la?

—Se a esperança obriga o homem a esperar, a fé obriga-o a crêr.

A caridade é a santa mãe dos infelizes.

A juventude é cheia de encantos, a velhice de saudosas recordações.

O oiro do rico vale muito menos que a resignação do pobre.

A virtude é para a mulher o que o aroma é para a fiôr.

O amor é a mais nobre aspiração da casta donzella, quando chega ao conseguinte do seu fim:—Esposa e Mãe.

A vida é um continuo martyrio que se termina com a morte.

Se não fosse o trabalho, o homem diligente morreria de pasmô.

O' mamã? Quem é aquella criança tão magra e descórada que chora junto d'aquella sacco?

—E' um marçano, filhinho.

—Vê como elle soffre!—Elle não tem mamã?

—Porque perguntas isso?

—Porque se a tivesse era tão feliz como eu, não era?...

NOTA— Só é auctorizada a reprodução de quaesquer dos pensamentos acima, em qualquer jornal, desde que se diga que vão da «Fraternidade».

Saléro.

Manoel de Passos

Abriu no ultimo sabbado o seu estabelecimento de mercaria, na rua Manoel Saes de Villas-Boas, o nosso presado amigo Manoel de Passos.

Recommendamos este estabelecimento a todas as pessoas e fazemos votos porque o nosso amigo seja feliz.

O nosso registo

No dia 2 do corrente, fomos honrados com a visita dos nossos presadissimos collegas Magalhães Junior e Armindo Fernandes, nossos presados colaboradores, aquelle de Ponte do Lima e este dos Arcos.

—Hospedado em casa do digno negociante d'esta praça, sr. Aurelio Ramos, esteve n'esta villa o sr. Eurico de Sousa Azevedo, nosso collega dos Arcos de Val-de-Vez.

—Por occasião das festas de Cruzes, no dia 3, fomos cumprimentado pelo collega João Gomes dos Santos, de Coimbra, que veio trazer-nos um abraço do nosso querido collega José Augusto da Silva Guimarães, correspondente da Luz do Commercio n'aquella cidade.

—No ultimo domingo, cumprimentamos n'esta villa os collegas bracarenses Adelino e Joaquim Gomes de Sousa.

—Esteve doente o nosso presado correspondente no Porto, Antonio A. Baptista Junior.

Annibal Martins

Visitou-nos no ultimo domingo o nosso presadissimo collaborador sr. Annibal Martins, do Porto. Do pouco tempo de que podemos dispôr para com elle conversarmos sobre assumptos jornalisticos ficou-nos uma bello impressão d'aquelle lidimo character, que nos animou a proseguir n'esta lucta da imprensa seguindo porém, um rumo um pouco differente d'aquelle por onde temos enveredado. Brevemente com o auxilio de todos esperamos pôr em pratica os bellos conselhos de Annibal Martins.

“A FRATERNIDADE”

Orgão dos caixeiros e do commercio em geral

BARCELLOS

Ca. mo Ltd.